

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS –UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR –ENS
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA VALERIA MOURÃO DE CARVALHO

**O LIVRO DIDÁTICO DE ARTES: UMA ANÁLISE DE MÉTODOS E CONTEÚDOS
VOLTADOS PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Manaus –Amazonas

2021

ANA VALERIA MOURÃO DE CARVALHO

**O LIVRO DIDÁTICO DE ARTES: UMA ANÁLISE DE MÉTODOS E CONTEÚDOS
VOLTADOS PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada como requisito final para obtenção do título de licenciado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA na Escola Normal Superior - ENS em Manaus, sob a orientação da profa. Dra. Maria Evany do Nascimento.

Manaus –Amazonas

2021

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

C331liv Carvalho, Ana Valeria Mourão de
O livro didático de Artes : uma análise de métodos e
conteúdos voltados para o 2º ano do ensino fundamental I
/ Ana Valeria Mourão de Carvalho. Manaus : [s.n], 2021.
54 f.: color.; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.

Inclui bibliografia

Orientador: Nascimento, Maria Evany do

1. Livro didático. 2. Disciplina de Arte. 3.
Professor. 4. Ensino Fundamental I. I. Nascimento,
Maria Evany do (Orient.). II. Universidade do Estado do
Amazonas. III. O livro didático de Artes

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463


FOLHA DE APROVAÇÃO

O LIVRO DIDÁTICO DE ARTES: UMA ANÁLISE DE MÉTODOS E CONTEÚDOS VOLTADOS PARA O 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

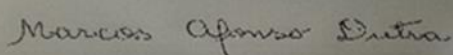
Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Curso de Licenciatura em Pedagogia da Escola
Normal Superior da Universidade do Estado do
Amazonas- UEA

Aprovada em 03 de agosto de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Maria Evany do Nascimento.
Universidade do Estado do Amazonas-UEA



Prof. Msc. Marcos Afonso Dutra.
SEMED



Prof. Msc. Valdemir de Oliveira
Universidade do Estado do Amazonas-UEA

Dedico este trabalho a Deus e a minha família que são meu porto seguro e
inspiração para prosseguir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pela vitória de cursar uma Universidade e ter a oportunidade de ser melhor a cada dia, toda honra e gloria seja dada ao senhor.

Ao meu esposo que me ajudou nesta jornada com palavras encorajadoras, sem deixar eu desistir, ele é meu maior incentivador, não conheço homem mais determinado.

Ao meu filho amado, que achava que a praça da UEA era meu parquinho, te amo imensamente.

A minha orientadora Maria Evany que me guiou por todo o percurso de uma forma tão cuidadosa e amorosa. Ao professor Valdemir Oliveira que apontou qual direção trilhar.

E a todos os professores da UEA que foram fundamentais na minha formação a todos vocês, minha gratidão e carinho.

Meus colegas que conheci ao longo da minha vida acadêmica alguns eu levarei para a vida, a todos, o meu respeito e consideração.

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

*Livro dos Conselhos, em Ensaio sobre a
Cegueira de José Saramago.*

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o livro didático voltado para a disciplina de Arte no Ensino Fundamental I e suas contribuições para a educação apoiado nos documentos norteadores que regem esta disciplina. Para isso vamos trazer o contexto histórico do livro didático (FREITAG; MOTA; COSTA, 1987) e da criança e seu desenvolvimento nessa fase de ensino (VIGOTSKY, 2002). A análise será realizada tomando como objeto o livro de Arte da Coleção Formando Cidadão, do 2º Ano do Ensino Fundamental. A pesquisa é de abordagem qualitativa, bibliográfica e pesquisa-ação, uma vez que está fundamentada nas práticas realizadas em sala de aula com o referido livro e registrada em Diário de Campo. Nos resultados apontamos como o livro está organizado e seus respectivos conteúdos e sua relevância para a educação das crianças.

Palavras chaves: Livro didático; disciplina de Arte; professor; Ensino Fundamental I.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – O livro didático e outros documentos de referência	11
1.1 O livro didático	11
1.2 O livro didático de artes	14
1.3 O livro didático de Arte a ser analisado.....	18
1.4 A criança e o ensino de artes na escola	18
1.5 O ensino de artes na escola	20
1.6 A proposta de Ana Mae Barbosa	22
1.7 Os documentos Oficiais - BNCC e RCA	24
CAPÍTULO II – O percurso metodológico	27
2.1 Caracterização dos sujeitos	27
2.2 Classificação da pesquisa	28
2.3 Relatos do Diário de Campo	29
2.4 Como se deu as aulas remotas, híbridas e presenciais	39
CAPÍTULO III – Análise do livro didático de Arte	41
3.1 O que o livro atende	41
3.2 O que ainda precisa ampliar	44
3.3 O papel do professor	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

Um novo olhar diante do já visto, o despertar para o não visto

Quando demos início à nossa pesquisa sobre o livro de Artes não fazíamos ideia de todas as questões histórico políticas que envolviam este material didático. Apenas víamos o seu uso nas escolas que passamos, todas públicas, sem ter consciência do que havia ocorrido para se consolidar a educação.

Em nenhuma escola tive acesso a livros de Artes, apenas os vi em escolas particulares que trabalhei ao ingressar na docência, e os que víamos, ainda na perspectiva de aluno, achávamos que atendiam a nossa expectativa.

Quando nos debruçamos em nossa pesquisa que apontou várias observações quanto ao material analisado, dentre elas a questão histórica do livro, o fato de ele não estar seguindo as normas dos documentos oficiais como a BNCC, que é a base para todo o ensino, como citamos em um outro momento de nosso trabalho.

Também começamos a fazer uma avaliação de todo o nosso ensino na rede pública e fazer um comparativo do que o livro atende e o que os documentos legais apontam para esta disciplina.

Pude perceber o quanto de experiências e vivências perdi enquanto aluno, por não ter oportunidades de ter um bom material didático e talvez até bons professores. Ao iniciar minha vida acadêmica, pude fazer um comparativo do que vivenciei o que poderia ter sido.

Claro que, naquela época, o ensino de Artes ainda não era visto como disciplina, já que novos segmentos foram estabelecidos em 1996 com as Diretrizes e Bases para Educação, mas entendo que o papel do professor poderia ter sido primordial naquele momento.

Apesar de termos tido um tempo perdido, ainda temos o agora e neste momento temos a oportunidade de sermos diferentes do que vivemos no passado e escolher direcionar o nosso olhar de forma que consiga ver para além das práticas antiquadas e focarmos no que aprendemos, e nos que vamos ainda aprender. Prosseguiremos!

Este trabalho então tem como objetivo trazer essa discussão sobre o livro didático voltado para a disciplina de Arte no Ensino Fundamental I, especificamente do 2º Ano e suas contribuições para a educação apoiado nos documentos norteadores

que regem esta disciplina. A análise será realizada tomando como objeto o livro de Arte da Coleção Formando Cidadão, do 2º Ano do Ensino Fundamental, da autora Maria Clara Medeiros.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de abordagem qualitativa, focada na análise descritiva e crítica deste livro; também de abordagem bibliográfica, visando a ampliação da discussão sobre a história do livro didático e os demais temas que o envolvem; além de ser uma pesquisa-ação, uma vez que está fundamentada nas práticas realizadas em sala de aula com o referido livro e registrada em Diário de Campo durante o ano de 2020.

Está organizado em três capítulos sendo que o primeiro trata da história do livro didático, os documentos oficiais e discussões sobre o processo de ensino-aprendizagem de crianças do Ensino Fundamental I. No segundo capítulo apresentamos o caminhar da pesquisa, os registros do Diário de Campo e como se deu a pesquisa-ação, que perpassou por atividades remotas, híbridas e presenciais. E no terceiro capítulo trazemos a análise do livro de Arte utilizado. Acreditamos com isso que essas reflexões são importantes para a formação do professor que vai se dedicar a esse público específico e precisa conhecer mais sobre essa modalidade tão importante que é a arte.

CAPÍTULO I – O livro didático e outros documentos de referência

Este capítulo tem por objetivo mostrar a trajetória do livro didático onde abordaremos questões históricas pertinentes acerca deste tema no Brasil, mostrando um breve resumo dos desafios para implantação dos livros didáticos como conhecemos hoje. Sabemos que este material é de suma importância e prova de uma luta de profissionais da educação ao longo de décadas em um país que ainda precisa melhorar muito o acesso à educação pública e de qualidade.

1.1 O livro didático

No decorrer dos anos o livro didático teve uma longa jornada até chegar nas escolas e nas mãos dos alunos do nosso país. Essa trajetória inicia em meados de 1930 onde começam a ser implementados decretos, porém de maneira desordenada e sem fazer as consultas necessárias para tomadas de decisões acerca do livro didático. Com isso, surgiram várias tentativas de implantar projetos que assegurassem a distribuição e divulgação do livro didático.

E a partir também dessa data surgem os ensaios de uma visão mais democrática, como cita Freitag, Motta e Costa (1987, p.5): “[...] a partir deste período, que se desenvolve, no Brasil, uma política educacional consciente, progressista, com pretensões democráticas e aspirando a um embasamento científico.”

Através do Decreto Lei 1.006 de 30/12/1938, surgiram as primeiras ideias do que seria um livro didático, que para Tagliani (2011) dentro de uma perspectiva sócio-histórica e cultural, o livro didático pode ser visto como um instrumento que organiza os objetos de ensino considerados necessários para satisfazer as necessidades de ensino-aprendizagem.

A partir do decreto mencionado, surgiu a Comissão Nacional do livro didático (CNLD) e esta, tinha a tarefa de examinar e pesquisar livros de outros países e assim seguiam o modelo estabelecido. Segundo os historiadores esta comissão tinha mais a função de assegurar as ideologias políticas da época, como destaca Costa, Freitag e Motta (1987, p,6):

[...] comissão tinha muito mais a função de um controle político-ideológico que propriamente uma função didática. No artigo 20, do decreto em questão, são

enumerados 11 impedimentos a autorização do livro e somente 5 dizem respeito a questões genuinamente didáticas.

Fato este que ficou mais evidente na época da ditadura onde os livros eram produzidos e ainda examinados como forma de controle onde tinham que seguir modelos estrangeiros submetidos às ideologias governamentais da época. Críticos preocupados com o rumo da educação em nosso país fizeram várias denúncias para o comitê vigente da época FAE (Fundação de Assistência ao Estudante).

E, ao longo de várias décadas surgiram programas e fundações que seriam responsáveis pela educação e o livro didático em nosso país. Dentre elas temos o PLID (Programa do Livro Didático) que se referia ao livro didático, FENAME (Fundação Nacional de Material Escolar) que era responsável por fiscalizar o livro didático. Nos anos seguintes surgiu a COLTED que foi implementada através de um acordo com MEC/USAID (Governo Brasileiro e Americano) que era responsável por livros técnicos e didáticos. (Costa, Freitag, Motta, 1987, p.7)

Conforme ia surgindo as comissões surgiram também outros órgãos para as fiscalizar e o governo cada vez implantava mais, e a história do livro didático foi marcada por idas e vindas de comitês e órgãos que eram vinculados a órgãos já existentes na tentativa de viabilizar ou mesmo subordinar tais instituições. Dessa forma o governo mantinha total controle sobre o livro didático e impedia que publicassem algo que não estivesse dentro do modelo exigido. Como cita Costa, Freitag e Motta (1987, p. 37):

[...] o estado figura como agente principal da política do livro didático, sendo praticamente o único responsável pelo processo decisório em relação ao conteúdo e ao uso do livro[...] a situação do estado não se limita só à esfera política, mas também estabelece coordenadas da economia do livro didático.

Outra questão que podemos ressaltar era quanto a fabricação dos livros e a má formação dos professores da época, tínhamos então a receita perfeita para uma educação de qualidade muito abaixo do que poderia e deveria ser oferecida para crianças carentes, o que deixava a mercê do que lhes era oferecido. Como salienta Costa, Freitag e Mota (1987, p. 45):

[...] fabrica-se um livro, medíocre, de baixo custo e má qualidade, para professores incapazes de avaliar sua qualidade e crianças carentes (de recursos) e culturalmente desprivilegiadas. E esse produto é manufaturado

por apenas editores do país, faturando CZ\$ bilhões de cruzados [...] podemos falar que este setor é oligopolístico.

Esta relação de custo benefício perdura até os tempos de hoje, onde as escolas particulares visam o preço baixo dos livros didáticos para não pesar no bolso dos pais, o que hoje é um critério até de escolha de escola, onde o custo do material pesa na decisão onde a criança irá estudar.

Porém sabemos que esse sistema custo e benefício nem sempre é bem aplicado no que se refere a ensino e fica aquela equação livro didático barato é igual a material ruim. No nosso ponto de vista, quem iria equilibrar essa equação seria a escola preenchendo as lacunas deixadas.

Muitas foram as ações para que o livro didático chegasse nas mãos de alunos e professores, embora devamos citar, muita coisa ainda precisa ser melhorada, uma delas é quanto à questão das escolhas desses materiais que já vem com as listas de livros pré-determinadas o que, deixa os envolvidos com escolhas limitadas, tornando este um fator limitador para a educação.

Para administrar essa questão de distribuição do livro didático temos hoje o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que com a edição do decreto de nº 9.099 de 18/07/2017 se unificou com o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), passando a ser um único programa chamado de Programa Nacional do Livro e do Material Didático (Brasil, 2020).

Essa mudança se deu com intuito de abranger desde a Educação Infantil ao Ensino Médio e instituições filantrópicas, desde que estas trabalhem com educação. Contudo o sistema de escolha e cadastro dos livros e da escola permanecem os mesmos.

Com o novo programa buscou-se abranger a sistematização do ensino levando o livro para muitas pessoas e o livro didático hoje é o principal norteador, mas não o único, para muitos professores tanto para rede pública quanto privada. Este material está associado à educação de várias maneiras, visto como algo inerente no que diz respeito ao ensino e aprendizagem. O que nos leva a refletir mais ainda sobre esta análise que achamos ser pertinente sob vários aspectos.

Muitos professores utilizam o livro de forma que ele seja o facilitador, uma receita pronta para suas atividades. Não estamos julgando o professor que faz uso do livro dessa forma, mas queremos fazer um exercício de reflexão, onde pensamos o porquê de o professor preferir adotar esta medida? O que leva este professor a adotar

práticas que ele sabe que são obsoletas, mas que continuam a exercer? Machado (1996, p. 31) questiona essa relação do livro didático e o professor quando cita:

[...] a forma de utilização praticamente conduz à escolha de determinado tipo de livro, uma vez que parece muito fácil entrar em sintonia com um autor que trilha caminhos conhecidos, que não cria “dificuldades”, não aumenta a carga de trabalho do já sobrecarregado professor, oferecendo, pelo contrário, inúmeras facilidades de cunho supostamente pedagógico.

Entendemos que muitos professores fazem jornada dupla, e às vezes tripla se desdobram para terem salários dignos e dessa forma encontram no Livro Didático um facilitador uma zona de conforto no processo de ensino e aprendizagem. Esta problemática já perdura por longos anos e o resultado disso é uma educação cheia de lacunas, professores cansados e sem qualificação, por não terem tempo para os seus planejamentos, desmotivados e ainda mal remunerados.

Por outro lado, temos os alunos que irão receber este ensino, tendo o livro didático como uma única fonte de conhecimento que possuem e, quando possuem outras formas de se obter conhecimento não são motivados a usufruírem de outras maneiras que não a do livro didático.

O que deixa evidente a importância do livro em diversos cenários na educação brasileira, pois ele acaba sendo a única fonte de conhecimento para muitos. Brisolla e Costa (2007) pontuam que, neste sentido, o LD estaria oferecendo “segurança” para o desenvolvimento de propostas de trabalho.

Contudo, adquirir o livro didático principalmente para as crianças em escolas públicas é uma grande vitória, pois apesar dos percalços no caminho é para nós e para muitos é sinônimo de esperança, numa educação mais efetiva, tanto para o ensino público quanto para o ensino privado.

1.2 O livro didático de arte

Como demonstramos brevemente o livro didático tem uma longa história de encontros e desencontros e ajustes e o mesmo acontece com o ensino de Artes e o uso de materiais didáticos para esta disciplina. O PNLD, órgão responsável pela distribuição do livro didático, inclusive o de Artes, oferecendo este material apenas para as séries iniciais do Ensino Fundamental deixa de fora a Educação Infantil por entenderem que, as crianças destas modalidades de ensino necessitam de outras

formas de aprendizagem salientando o uso do lúdico para proporcionar experiências mais efetivas. Como consta no Guia do Livro Didático:

A opção por não oferecer Livro Didático de Arte do 1º ao 3º ano se dá em função do entendimento de que, para que esses anos iniciais, outros tipos de materiais pedagógicos devem ser oferecidos para um melhor desenvolvimento da abordagem didático-pedagógica desse componente curricular, dada a importância do fazer e da experiência para o entendimento das diferentes práticas artísticas nessa fase de desenvolvimento[...] (2006, p.10)

A implementação do Ensino de Arte teve muitos momentos confusos no que diz respeito à sua disposição e obrigatoriedade no currículo. Em 1980 muitas matérias foram reformuladas deixando a disciplina de Artes de fora e os profissionais confusos no que se refere a disciplina de Artes, o que atrapalhava a dinamização do ensino, pois na reformulação da lei era obrigatório, mas na prática não era bem o que acontecia. Como descreve Valarini (2016, p. 27):

Na década de 1980, o Conselho Federal de Educação, através da Resolução nº 6, de novembro de 1986, reformulou o currículo das escolas de primeiro e segundo graus, determinando como matérias básicas português, estudos sociais, ciências e matemática e eliminando a área de comunicação e expressão, na qual anteriormente eram contemplados conteúdos de Artes. A reformulação fez constar em um parágrafo a exigência de educação artística no currículo. Para os profissionais da área de Artes, tratava-se de uma grande contradição, a Arte não ser disciplina básica na educação, mas ser “exigida”, [...]

O ensino de Artes embora seja disciplina obrigatória desde 1996 como consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/LDB nº 9.394/96 foi somente em 2015 que o Programa Nacional do Livro Didático começou sua distribuição dos livros de Artes para Ensino Médio e em 2016 para o Ensino Fundamental I. Dessa forma percebemos que, muitas vezes, a matéria Artes é negligenciada nas escolas, pois é vista como uma disciplina para passar o tempo. Lembro que, em toda minha passagem pela escola pública as aulas de Artes eram sempre na sexta e tínhamos poucos conteúdos, os professores sempre traziam textos apostilados e cansativos. Valarini (2016, p. 49), faz uma abordagem quanto a esta questão quando diz que:

Iniciar o texto perguntando se os alunos gostam de diversão reforça a associação da disciplina Arte com o descompromisso e não fortalece os sentidos de aprendizagem da linguagem e da herança cultural que se pretendem.

Quando estudamos a disciplina de Artes temos sempre o estereótipo que a disciplina existe para passar o tempo, sendo um momento de descontração. Essa ideia já vem sendo passada há muito tempo e ainda hoje é reproduzida em muitos espaços escolares. Poucas foram as experiências que vivenciei no ensino de Artes. Meu 'despertar' se deu realmente na faculdade onde pude experimentar, conhecer, refletir sobre o que é, e para quem é a disciplina de Artes. Pude fazer um exercício de análise do que foi e como poderia ter sido se o professor e a escola tivessem outra abordagem quanto a este ensino. Mas penso que nunca é tarde, e que essas minhas reflexões serão úteis para que eu possa ser melhor e ter consciência do papel que irei desempenhar na minha docência.

E nesse ir e vir, o que observamos é que a disciplina de Artes perdura aí ao longo dos anos e conseqüentemente a produção dos livros de Artes que muitas vezes não são adequados para atender a demanda ou os livros não são oferecidos nas redes públicas e quando são, sua qualidade é inferior aos livros disponibilizados na rede privada. Outra questão que destacamos é no que se refere às escolas particulares que fazem uso deste material, mas tem a questão do valor do produto que muitas vezes é caro.

O que nos leva a refletir sobre o material que nos é oferecido, quando escolhemos o livro didático nos deixamos seduzir por materiais diversificados como textos chamativos, adesivos e figurinhas, mas que, por vezes, não apresentam coesão em suas propostas metodológicas.

Sobre este ponto destacamos a afirmação de Valarini (2016, p.30):

Considerando o número de alunos e o preço de cada livro didático, não é de estranhar que a concorrência nesse mercado vantajoso gere disputas entre editoras e tentativas diversas para aumentar a adesão do material, como: sedução pela inclusão de adesivos, atividades de passatempo, figuras para destacar etc.

Nesse exercício de reflexão também pensamos: como o professor irá usufruir deste livro didático? Valarini (2016, p.30), salienta que muitas vezes os professores sentem falta de referências esmiuçadas, que tragam segurança para suas ações e dessa forma se tornam dependentes das propostas ali construídas.

Choppin, preocupado com a relação do livro didático na escola também faz importantes questionamentos quando cita:

Que tipo de consumo se faz deles? Os educadores os seguem fielmente, passo a passo, ou tomam certas liberdades em relação à organização que eles propõem? E, nesse caso, quais e por quais razões? Como o aluno lê seu livro escolar, em voz alta, em silêncio? Ele o relê, em classe, em casa? O livro serve de consulta ou serve para “decoração” da matéria? Quanto tempo o aluno passa com seus livros? Qual a real influência exercida pelos livros didáticos sobre o comportamento das crianças e sobre o comportamento social em geral? (2004, 549)

Traremos aqui uma situação observada durante nosso estágio realizado com crianças do 3º ano do ensino fundamental I, que nos chamou a atenção determinado procedimento realizado pela professora que ministrava a disciplina de Artes em uma escola pública, seu horário era no último tempo. Uma de nossas funções enquanto estagiários era acompanhar as crianças em suas aulas que aconteciam em salas distintas. Nas vezes que fomos acompanhá-los observamos que a professora, aparentemente, não apresentava planejamento das atividades, que em todas as vezes que estivemos presentes, consistia em que os alunos lessem um livro aleatório que pegavam na estante.

Diante dessa situação, observamos o quanto o ensino de Artes, muitas das vezes, não está em conformidade com o que preconiza o PNL (2016, p. 9):

O componente curricular Arte, na Educação Básica, tem como uma de suas características a viabilização de experiências significativas de produção, fruição e contextualização artística. Tais experiências, por sua vez, potencializam o processo de aprendizagem, através da relação entre sensibilidade e racionalidade necessários para os processos de reflexão, nomeação e contextualização da prática artística na relação com o outro, com a cultura e com os diferentes conhecimentos produzidos em Arte.

Vemos então o quanto ainda estamos distantes de um ensino de Artes satisfatório do ponto de vista de suas abordagens de produção, fruição e contextualização e como experiência realmente significativa para as crianças. O ensino de Artes poderia ser mais bem utilizado como disciplina capaz de proporcionar, transformar e vivenciar emoções e sensações que poderiam produzir um ensino muito mais efetivo. Tais práticas interferem no potencial que o aluno poderia alcançar. Sobre isso destacamos o que diz Ferraz e Fusari:

Em suma, para desenvolver bem suas aulas, o professor que está trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos. Nessa concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes

obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno. (p.21)

Considerando todas essas informações, podemos verificar ainda o quanto o livro didático de Artes se apresenta incompleto para as necessidades do professor na sala de aula.

1.3 O livro didático de Arte a ser analisado

O livro didático que é o objeto desta pesquisa faz parte de uma coleção chamada Formando Cidadãos Sistema Integrado de Educação e que possui o kit A, B e C. Selecionamos então o Kit B, do 2º Ano do Ensino Fundamental, que é composto pelos livros Caligrafia, Tabuada, inglês e Arte.

A autora é Maria Clara Medeiros, que apenas não assina o livro de inglês desse kit. O Manual do Educador é um livro integrado contendo as disciplinas de Arte, Língua Portuguesa - Caligrafia, Matemática - Tabuada e Língua Inglesa. Todas as outras disciplinas como Português, Matemática, Ciências, História e Geografia que compõem os componentes curriculares do 2º Ano possuem um Manual próprio, somente neste kit que não.

O Manual do Educador apresenta algumas seções como orientações didáticas, orientações pedagógicas e pequenos textos com reflexões para o professor. Apresentam também a página do livro do aluno com as respostas e orientações para algumas atividades.

O livro do aluno, contém 47 páginas, possui uma folha de apresentação para cada começo de unidade com a imagem da pintura de alguma obra de arte, traz quatro unidades temáticas com uma média de 3 atividades em cada.

Todo o livro é voltado apenas para Artes visuais e algumas técnicas que envolvem essa linguagem, entre as técnicas apresentadas estão pintura de sopro, e uso de texturas com materiais variados. Abordaremos detalhadamente no próximo capítulo.

1.4 A criança e o ensino de artes na escola

A criança que irá estudar com o livro didático de Artes por todo o ano letivo tem em média de 7 a 8 anos e acabou de fazer a transição da Educação infantil para

o Ensino Fundamental, onde o ensino infantil deverá servir de base para que se tenha um bom segmento no ensino. Sobre esta transição do ensino a BNCC (2017, p. 51) cita que:

Na transição da educação infantil para o ensino fundamental, precisamos garantir a integração e a continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa.

Com a mudança do ensino para 9 anos se espera que a criança alcance essa progressão de forma efetiva e continuada, fazendo com que ela traga da educação infantil experiências para que a transição ocorra de forma equilibrada. Printes (2010,27), quanto a isso destaca:

Dentro dessa perspectiva de formação, a criança precisa ter seu papel de destaque, na medida em que, como objetivo do ensino, sua aprendizagem deve levar em conta as diversas relações que ela estabelece em toda a dimensão cultural em que está inserida. Valorizar o conhecimento próprio de cada criança e aqueles adquiridos na convivência com os adultos e outras crianças é crucial para sua construção enquanto sujeito histórico, social e cultural.

A BNCC do Ensino Fundamental – Anos Iniciais quanto a esta questão e ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. (p.58)

E para que essa criança se desenvolva se faz necessário estímulos que aguace sua curiosidade de acordo com sua subjetividade e é na escola que essa criança precisa encontrar um ambiente estimulador para seu desenvolvimento. A BNCC também destaca isso:

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (p. 58)

Dessa forma a criança faz suas interações e suas descobertas a partir de estímulos, Piaget afirma que pensa o social e suas influências sobre os indivíduos como fator determinante para sua formação, em outras palavras para que a criança se desenvolva precisará ser inserida em algum meio social para ampliar seus conhecimentos para que possa ter suas próprias experiências e vivências.

E ainda segundo Piaget as crianças que estão no 2º ano do Ensino Fundamental 1 estão na fase que ele denomina de estágio das operações concretas, segundo ele para que a criança cresça em equilíbrio ela passará por quatro estágios de desenvolvimentos chamados de Sensório-motor (o aos 2 anos), pré-operacional (2 a 7 anos), estágio das operações concretas (7 a 12 anos) e por último o estágio das operações formais (12 anos em diante).

Cada etapa desse desenvolvimento, embora sejam diferentes entre si, estão interligadas, onde a criança neste processo cognitivo precisará assimilar e reorganizar suas ideias. Mas neste trabalho iremos citar apenas ao que se refere a criança da faixa etária deste estudo, segundo Piaget esta fase é chamada assim porque a criança precisa ter essa relação do objeto e o assunto do qual se refere.

Assim, para que a criança dessa idade de fato aprenda precisará que o mediador faça uso de estratégias para que essa criança possa ver o que está no campo das ideias e dessa forma o ensino possa ser efetivo.

Também temos a ideia de outro teórico chamado Vygotsky que para ele os indivíduos se desenvolvem de acordo com os hábitos sociais da sua cultura. Segundo estes dois teóricos para que a criança aprenda ela precisa estar inserida em algum meio onde haja estímulos e alguém que possa estar fazendo essa mediação, o que torna a escola um espaço imprescindível para que esta criança se desenvolva plenamente.

1.5 O ensino de artes na escola

O ensino de artes nas escolas teve vários momentos marcantes ao longo da sua história que definiram sua trajetória ao longo dos anos, Ferraz e Fusari (1993) destacam esse momento elencando alguns fatores que são, o comprometimento do ensino artístico (desenho) visando uma preparação para o trabalho (operários), retomada de movimentos de organização de educadores, a discussão e a luta para

inclusão da obrigatoriedade da arte na escola com o advento da Lei de diretrizes e Bases da Educação.

Esse modelo influencia o ensino de Artes até hoje, quando se trata dessas ações que são voltadas para o desenho, presenciamos ao longo de nossos estágios e de escolas que trabalhamos, algumas escolas ainda fazem o uso de mimeógrafo para produção de desenhos e atividades para os alunos.

O uso dessa máquina vem de muito antes, do tempo que estudávamos, o que nos deixou surpresa sobre a máquina e preocupada ao mesmo tempo, pois verificou-se que temos problemas quanto a questão da modernização do ensino.

Sobre isto Ferraz e Fusari (1993) comentam que o trabalho com a arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem feita.

Essas ações, fazem toda a diferença no ensino e aprendizagem da criança, porém estas, precisam partir da escola promovendo todo um trabalho pedagógico para auxiliar o professor de forma articulada e coesa. Como menciona Gadotti:

[...] o mais fundamental, o posicionamento pedagógico, que a escola busca como resultado, que tipo de pessoas busca formar, o que valoriza, como se relaciona com as famílias, de que modo insere a comunidade, qual o seu projeto de mundo. essas e muitas outras questões devem estar respondidas e articuladas, de modo que nada fique de fora (2015, p.73)

A disciplina de artes também sofreu influência das seguintes tendências tecnicista, nova, tradicional e libertadora. Cada uma delas teve seu momento na história, contudo a partir dos anos 80, houve mudanças no cenário da educação brasileira o que levou a uma reformulação nas percepções do que se queria ter como ensino. Ferraz e Fusari tratam sobre isso:

[...] acreditando em um papel específico que a escola tem com relação a mudanças nas ações sociais e culturais, educadores brasileiros mergulham em um esforço de conceber e discutir práticas e teorias de educação escolar para essa realidade. Conscientizem-se de como a escola se configura no presente, com vistas a transformá-la rumo ao futuro (1993, p.33)

A disciplina de arte e educação embora, segundo os autores supracitados acima evidenciam que tenham sofrido influência do melhor dessas tendências, o que vemos ainda nas escolas é uma escola tecnicista, fato este que os autores também citam Ferraz e Fusari (1993) A "Pedagogia Tecnicista", presente ainda hoje, teve suas

origens a partir da segunda metade do século XX, no mundo, e a partir de 1960/1970, no Brasil.

Segundo os autores ainda, nessa tendência o professor e o aluno ocupam uma posição secundária onde o que fica em evidência são as técnicas e os métodos aplicados durante as aulas.

Fato este que observamos e já citamos no texto acima, dessa forma mais uma vez verificamos a importância de se refletir sobre as práticas pedagógicas que devem envolver não apenas todo o corpo docente como também a comunidade na qual a escola está inserida.

Precisamos pensar também no aluno que ele não aprende de forma separada alheio ao que acontece com o meio onde vive, e que suas experiências são essenciais para seu desenvolvimento, e que a partir delas ele vai ressignificando e remodelando ideias que por eles são observadas.

1.6 A proposta de Ana Mae Barbosa

Ana Mae Barbosa, é professora de pós-graduação em arte-educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sendo referência no ensino de artes no Brasil. E a partir de suas inquietações quanto ao ensino desta disciplina começou a implementar a Proposta Triangular a partir da década de 80.

A proposta triangular se estabelece a partir de três eixos que são apreciação, contextualização e fazer artístico, Silva e Lampert (2016, p.89) destacam que:

[...] Ana Mae Barbosa, percebendo o contexto modernista de recusa ao ensino crítico e reflexivo, inicia o processo de sistematização da Abordagem Triangular, que se ancora sobre o Ler, Fazer e Contextualizar, pressupondo um pensamento articulado, no qual o contexto do educando é tomado com relevância frente ao conteúdo ensinado.

Ana Mae Barbosa sobre sua abordagem triangular a princípio teve problemas quanto à nomenclatura, pois era chamada de metodologia triangular, dessa forma ela elege abordagem, como cita Silva e Lampert (2016, p.90):

Assim, é preciso salientar que a Abordagem não se trata de um modelo ou método, mas corresponde aos modos como se aprende, e que, por metodologia, entende-se o que cada professor realiza como ação em suas aulas e práticas de ensino e não como vinculação teórica — até porque vinculações teóricas mudam, são mescladas e alteradas de acordo com o contexto no qual estamos.

Ana Mae Barbosa visando um ensino mais reflexivo, crítico e democrático encontra na Proposta Triangular caminhos para novas abordagens de ensino, Silva e Lampert (2016, p.90) destacam que:

Desse modo, dos anos 90 em diante, avançou-se nas reflexões sobre arte e seu ensino principalmente na educação básica. Há, nesse contexto, uma busca incessante por novas metodologias e abordagens de ensino e aprendizagem de artes nas escolas, que visam à construção do conhecimento, da percepção, da imaginação e da capacidade crítica e inventiva não somente do estudante, mas sobretudo do professor.

Surgindo nas escolas uma nova forma de se fazer Arte Educação, embora tenha sido há muito sido obrigatória nas escolas, ainda faltava perceber que esta precisava de uma nova abordagem, e que se fazia necessário deixar de lado antigas práticas que não exploram o potencial que esta disciplina poderia oferecer. Ana Mae Barbosa se mostrou bastante preocupada com o ensino e acredita que o ensino de arte é primordial para uma aprendizagem de maneira efetiva e que abrange o indivíduo de forma completa.

Esta proposta não estabelece modelos prontos, deixando o professor desenvolver suas próprias formas de ensino, onde ele possa estabelecer seus critérios, mas que exigem uma nova organização e novas formas de pesquisa, tornando-se um norte para educadores desenvolverem suas habilidades e como resultado teremos alunos mais reflexivos e críticos.

Pois para se apreciar por exemplo uma obra de arte se faz necessário questionamentos e levar a criança a reconhecer o que vê e, cabe ao professor ser o mediador nesse processo, sendo um trabalho muitas vezes incessante, pois veja bem, levar ao outro ao pensamento reflexivo é muitas vezes uma tarefa árdua, sobretudo quando se trata do nosso ensino, onde as escolas apesar dos avanços ainda observamos lacunas que acreditamos serem preenchidas com os esforços de forma conjunta e efetiva. Silva e Lampert Apud Barbosa (2010 p. 10) destacam:

A Abordagem Triangular possibilita diferentes caminhos dentro dos âmbitos que a envolvem, do Fazer, Ler e Contextualizar. A imagem do triângulo permite ao professor escolher em qual das pontas iniciará seu trabalho. Por isso, é uma abordagem dialógica. Sua potência está na relação entre a tríade que permite reordenação da prática docente. Assim, não deve ser tomada como um passo a passo. Isso seria perder suas significações em um vazio. Segundo a autora, “[...] trata-se de uma abordagem flexível. Exige mudanças frente ao contexto e enfatiza o contexto”.

Silva e Lampert (2016, p.92) citam que a abordagem triangular evidenciou uma questão que historicamente não se podia fazer, que era o uso de imagens como forma de democratizar o ensino:

Ana Mae Barbosa frisa a importância do uso de imagens em sala de aula como forma de enriquecer o ensino, e dessa forma o aluno a partir de suas observações possa fazer comparativos das diferentes realidades, e saber que existem diferentes culturas e formas de representá-las. Em uma entrevista Ana Mae Barbosa apud Silva e Lampert, salienta que:

E o artista, o que faz? Eu parti um pouco dessa pergunta e do que estava no ar no Pós-modernismo. E o que estava no ar era a importância da imagem. Portanto, negar a imagem na sala de aula era um absurdo total, como se fazia. O aluno poderia desenhar, pintar, fazer uma instalação, fotografar, ver as fotografias de seus colegas, mas não poderia ver as fotografias de um Sebastião Salgado, de um Cartier Bresson. Por quê? Porque havia o medo, o terror da cópia (2016, 93)

A abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa demonstra sua relevância de muitas formas quando ela traz uma revolução e uma sistematização do ensino de artes onde a tríade contextualização, apreciação e fazer artísticos podem desenvolver nos alunos experiências e vivências, fazendo com que esta criança possa ser capaz de questionar e refletir sobre políticas e questões sociais apenas pelo simples ato de apreciar uma imagem.

1.7 Os documentos Oficiais – BNCC e RCA

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) surgiu como forma de assegurar a educação básica para que os alunos possam se desenvolver plenamente, sendo um documento norteador desde a educação infantil ao ensino médio.

Este documento estabeleceu suas bases a partir de outros documentos legais que são a LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação) e a Constituição de 1988. E segundo a BNCC cita:

A BNCC por si só não altera o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que as mudanças tenham início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado na base. (Brasil, p.5)

A BNCC, deu início a um grande movimento na educação brasileira onde poderá ser feitas mudanças efetivas, desde a formação dos professores quanto no que se refere ao currículo, passando a ser um documento que traz a preocupação com a formação global do aluno e tudo que tenha a ver com esse objetivo.

Dessa forma, a BNCC apresenta em sua definição o compromisso com a educação e formação dos sujeitos como afirma este documento:

[...] aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB. lei nº 9.394/1996) e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam a formação humana integral e a construção de uma sociedade justa [...] (Brasil, p. 7)

Como a própria BNCC informa, que por si só não altera o quadro de desigualdade social, mesmo assim já podemos ver mudanças nas escolas que tivemos a oportunidade de atuar, vários educadores dispostos a seguir à risca o que está neste documento. Porém, não deixamos de pensar se estão apenas fazendo isso de maneira superficial sem de fato refletir e analisar a sua relevância?

Quando levantamos esta questão, estamos expondo nossa preocupação se os educadores não estão apenas reproduzindo, como se fosse um manual a ser seguido. Percebemos também esta preocupação quando a BNCC cita:

A BNCC explicita, o compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento global, o que implica compreender a complexidade desse desenvolvimento [...] (Brasil, p.58)

Para que essa formação se dê de forma eficaz é preciso que esse aluno seja alcançado em vários âmbitos, mas para que isso seja efetivo se faz necessário a compreensão dessa criança em todos os aspectos que compõem sua formação. Como a BNCC é um documento que em sua essência disponibiliza informações que deverá ajudar nesse processo, este se torna um dos principais norteadores na educação no Brasil.

Quanto à formação do professor podemos destacar também o RCA (Referencial curricular Amazonense) que foi construído com o intuito de implementar a BNCC no Amazonas através da Portaria nº 242/2018.

Neste documento vem destacando a formação continuada do professor como algo determinante para uma atuação mais efetiva, (Brasil) [...] formação continuada como espaço de reflexão sobre a prática.

A importância da reflexão que define a prática docente nos levando ao exercício contínuo que trará muitos benefícios no que se refere ao ensino e aprendizagem quanto a relação aluno, escola e professor.

Outro fator que devemos destacar neste texto é sobre a disciplina de Arte que nos dois documentos citados vem trazendo algo que é comum a ambos, que é a sua contribuição para a formação integral do aluno. Nestes, vem destacando que a construção do saber se dá através das suas vivências e experiências e o professor deve ser o mediador neste processo. Como destaca a BNCC:

[...] as produções artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (Brasil, p.193)

Devemos ter em mente que as produções artísticas devem perpassar os limites pré-estabelecidos levando esta criança a ter várias experiências e conhecer várias culturas através das Artes e suas diferentes linguagens.

CAPÍTULO II – O percurso metodológico

Neste capítulo trataremos de apresentar os passos seguidos para a realização desta pesquisa, desde a especificação do público alvo, os relatos do Diário de Campo e a prática das aulas em meio ao contexto da pandemia da Covid19, que nos forçaram a realizar aulas remotas, híbridas e em alguns momentos, presenciais.

2.1 Caracterização dos sujeitos

Esta pesquisa foi realizada numa escola particular situada na zona norte de Manaus, no bairro de Santa Etelvina, e atende crianças da faixa etária de 2 a 10 anos, tendo, portanto, educação infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental I.

A escola possui 8 salas, 1 refeitório e 1 quadra de esportes, tendo também uma secretaria. A sua estrutura é de uma casa, portanto os demais cômodos foram adaptados para comportar a demanda. Quanto ao projeto político pedagógico ainda está em fase de construção, embora a escola já esteja funcionando há oito anos.

A escola funciona com ensino diurno (matutino e vespertino), possuindo em média 120 alunos com frequência regular, alguns pais por conta da pandemia tiveram que desistir do ano letivo por falta de recursos para manter seus filhos na escola.

Na educação infantil o índice de alunos é bem maior do que nas séries iniciais, acreditamos que esse fato ocorre pelo histórico da escola que é conhecida no bairro ainda pela educação infantil. As séries iniciais foram implementadas no ano de 2018.

A escola atende um público de pais que são funcionários de empresas privadas, autônomos e pais que vieram de programas de bolsas escolares e que moram nas redondezas. Quanta a questão de mensalidade é um custo bem em conta ao se comparar com as demais escolas da localidade que conhecemos.

Nos momentos de pico da pandemia a escola fez o que pode para manter-se funcionando atendendo da melhor maneira os seus clientes, flexibilizando pagamentos e diminuindo o custo das mensalidades, fato este que foi decretado pelas autoridades competentes responsáveis pela fiscalização da rede privada de ensino.

Os funcionários, por conseguinte, tiveram seus salários reduzidos pela metade por conta de muitos pais inadimplentes, mas apesar de todos os percalços a escola finalizou o ano letivo de forma aceitável para o momento.

As crianças que a escola atende possuem pais que se esforçam para que a relação família e escola esteja bem estabelecida e sincronizada, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental I, infelizmente muitos pais da educação infantil não demonstraram este mesmo interesse talvez por não saberem da importância dessa modalidade de ensino.

Por isso o maior índice de evasão durante o pico pandêmico foi na educação infantil, muitos pais não apresentaram interesse nas vídeo aulas, não iam na escola quando solicitados para buscarem as atividades propostas pelas professoras e quando questionados afirmavam que só tinham interesse em aulas presenciais.

Fato este que prejudicou muitas crianças, preocupando todo o corpo docente levando a tomar algumas medidas para tentar amenizar essa situação, uma delas foi levar a conscientização da importância da educação infantil e seus inúmeros benefícios na formação da criança.

2.2 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa pois visa a interpretação de dados de acordo com sua subjetividade e seu foco não está na interpretação de dados estatísticos e sim nas experiências e peculiaridades dos sujeitos da pesquisa.

Tendo como fonte de dados a bibliográfica e de campo, pois foi analisando documentos como a BNCC, RCA e PNLD para fundamentar a nossa pesquisa como também a ida ao campo para verificar os dados ocorridos dentro das realidades dos sujeitos envolvidos.

Sendo também exploratória com o intuito de levantar dados e se familiarizar com objeto de pesquisa e dessa forma podendo descrever os acontecimentos ocorridos de uma forma mais coerente possível fazendo ligações entre os fatos coletados.

Meios para elaboração da pesquisa é bibliográfica pois faz uso de vários materiais já publicados como livros, teses, artigos etc. Esta pesquisa foi realizada com a participação dos sujeitos envolvidos por isso, sendo assim classificada como pesquisa-ação. Para a coleta de dados usamos o livro didático de Artes e o Diário de campo como registro das atividades.

2.3 Relatos do Diário de Campo

Neste relato vou apresentando o livro de Arte e comentando as atividades realizadas com os alunos em sala.



Figura 1- capa do livro de Arte editora Formando Cidadão

A nossa análise será de um livro de artes que faz parte da coleção Formando Cidadão do 2º ano das séries iniciais, da autora Maria Clara Medeiros. Esta coleção possui o Livro do Aluno e Livro do Professor sendo que, o livro de Artes faz parte de um integrado de Inglês, Arte, Caligrafia e Tabuada.

No exemplar do professor verificamos que na disciplina de Arte que contempla as artes visuais especificamente, ele traz algumas propostas de atividades como aparecem nas outras disciplinas, mas, em menor quantidade. Está dividido em quatro unidades, sendo em média três atividades por unidade, possuindo 46 páginas no livro do aluno.

O Livro do Aluno, segundo o exemplar do professor informa, está organizado desta maneira: textos didáticos, elementos gráficos e atividades. Neste, temos orientação didática, com proposta de atividades e alguns textos com caráter informativo. O exemplar que possuo não sinaliza se está de acordo com as normas da BNCC, pelos menos em nossas observações não vimos nada que indicasse, como

nos outros livros demonstra, abordaremos mais à frente em uma unidade onde falaremos sobre o exemplar do professor no decorrer deste trabalho.

Unidade 1- Cores quentes e frias



Figura 2 – abertura da Unidade 1

Na unidade 1 vem trazendo uma imagem da pintura de Cândido Portinari, os Retirantes de 1944 e, na página seguinte, um pequeno texto sobre cores quentes e frias e na sequência o exercício. Notei que faltou uma pequena contextualização entre a imagem da pintura e o tema cores quentes e frias. Verifiquei no exemplar do professor para ver se havia alguma orientação para trabalhar a imagem, não tinha, dando apenas a orientação de uma atividade, mas, nada que nos fizesse ligar a imagem a atividade, ou seja qual o propósito de usar a imagem do artista citado?

Buscando uma forma de instigar os meus alunos, de uma maneira que eu não tinha sido ao longo de todo meu Ensino Fundamental e Médio, a conhecerem um pouco sobre Arte, sabendo que isso seria apenas o início de todo um processo de descoberta tanto para eles quanto para mim que, também tinha muito a aprender em relação ao Ensino de Arte e com isso o livro didático seria um norteador para levar aos meus alunos um pouco de conhecimento para além do que eles comumente veem em sala de aula. E para começar, contextualizei sobre a imagem que trazia na primeira

página da Unidade 1 e, pedi para que eles observassem um pouco mais a imagem, animados, se eles nunca tinham visto, a partir daí começaram a comentar sobre outras que aparecem por exemplo no desenho animado da Turma da Mônica. Neste momento, percebemos que eles tinham até algum contato com imagens de obras de arte, mas eles não tinham alguém que fizesse a mediação para que eles pudessem entender e perceber algo.

Com o celular mostrei para os alunos várias imagens de reproduções de obras que a Turma da Mônica fez e eles começaram a se interessar ainda mais. Um dos meus alunos perguntou o porquê de a pintura apresentar imagens tão feias, expliquei que isso era uma forma do artista retratar o sofrimento daquelas pessoas, expliquei também que muitas vezes os artistas se inspiram no que está ao seu redor para fazer suas produções. Falei um pouco sobre a biografia do autor e o contexto em que ele estava inserido na época.

A partir daí, fomos para a página onde trabalhamos as cores quentes e frias, na sequência fizemos as atividades propostas pela autora do livro e a orientação didática. A primeira atividade era pintar um quadro com tinta guache nas cores frias. A outra atividade era de colagem onde eles tinham que fazer uma colagem com papel nas cores quentes, em algumas frutas que estavam no livro e o desenho consistia apenas nos contornos das imagens.

O espaço para que as crianças desenvolvam as atividades em geral é um quadrado como está demonstrado na foto, embora em outras atividades o espaço ou é muito pequeno ou o livro instrui para que as crianças façam em uma folha à parte para depois colar no espaço destinado a atividade. Sobre isto, uma mãe me perguntou o porquê de o livro na maioria das vezes pedir para se fazer em uma folha à parte. Quanto a esta questão não pude explicar exatamente o motivo, então falei para a mãe que achava que era para não manchar o livro.

Com o início da pandemia, paramos nossas atividades no dia 17 de março de 2020 e ficamos uns 15 dias sem ter aula e nenhum tipo de contato. Quando retornamos, foi através do ensino remoto e com isso retomamos nossas atividades de Arte. Nesse tempo de aulas remotas fiz algumas vídeo aulas de artes, usando os aplicativos *Inshot* e *Eraser* para produzir pequenos vídeos com o celular que eram voltadas para as artes visuais. Não estávamos nesse momento seguindo o livro didático, porém segui o mesmo segmento do livro que é, artes visuais.

Para produzir as aulas precisei buscar conhecimento na internet, assistindo a tutoriais de produção e formatação de vídeos, naquele momento não tinha nenhuma ideia de como fazer e como seria, a escola onde trabalho não fez nenhuma formação ou nos indicou algum curso para aprender a mexer com esses recursos para nos auxiliar na produção destes vídeos. Em resumo, cada professor procurou sua própria forma de aprender a usar esses tipos de mídias e, à medida que alguma professora aprendia algo procurava passar este conhecimento para as outras.

Com isso, nossos vídeos eram bem amadores de no máximo 15 minutos, pois era o que a plataforma *whatsapp* nos permite postar, e quanto aos recursos, eram poucos, usamos apenas os materiais que a escola tinha como papel, cola, emborrachado, TNT etc. E assim, produzimos os nossos próprios materiais para os nossos vídeos se tornarem mais atrativos e didáticos para as crianças. Conforme íamos aprendendo a usar os aplicativos, não precisávamos tanto produzir recursos, pois o próprio aplicativo tinha algumas funções para deixar as aulas mais atrativas.

O nosso primeiro vídeo foi produzir uma flor usando uma técnica de pintura com hastes flexíveis, eles amaram e, reproduziram à sua maneira e tiveram produções bem bonitas. Todos participaram e postaram suas produções através do *WhatsApp*, alguns postaram vídeos, outros postaram apenas fotos de suas produções. Ao todo produzi três vídeos, sempre com esta proposta voltada para as Artes Visuais.

Quando vimos que as aulas remotas iam durar mais tempo que havíamos previsto, o corpo docente precisou fazer a retomada do uso dos livros didáticos e, para essa retomada fui na escola e preparei kits com os materiais dos alunos, que continham lápis de cor, lápis, apontador, cola, tinta guache, alguns livros e papel diversos para produzir algumas atividades para que eles pudessem desenvolver com qualidade suas atividades em casa. A logística para que as crianças recebessem seus kits se deu através de comunicado no grupo da escola para que os pais se dirigissem a escola para receber seus materiais.

Confesso que a nossa escola teve muita dificuldade para que esses materiais pudessem ser entregues pois alguns pais não queriam sair das suas casas devido a pandemia que instalou o medo nas pessoas e, infelizmente, com razão. Os pais da minha turma aos poucos e de acordo com sua conveniência pegaram o material para os alunos, mas tive que esperar até que todos os pais pudessem pegar seus kits.

A última atividade da unidade 1 seriam tintas, tendo um pequeno texto sobre o homem primitivo e o uso das tintas, em seguida a música da Xuxa o arco-íris. Sobre

esse tema a autora poderia ter escolhido outra música, com uma abordagem mais atual. Quando retomamos a escola primeiramente de forma híbrida, retomamos algumas atividades e, conversamos sobre as produções de arte e, uma das minhas alunas comentou sobre a fabricação de tinta guache caseira e que a mãe não teve como fazer, depois eles falaram sobre a música e eu expliquei que era uma música de uma apresentadora do meu tempo de infância.

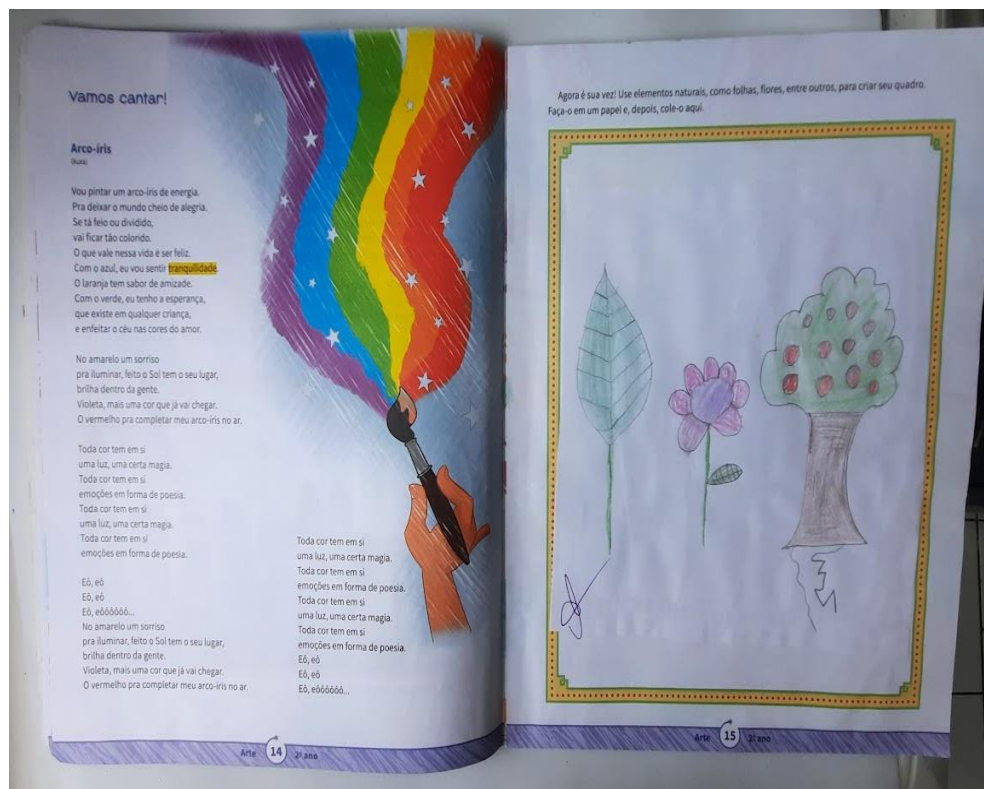


Figura 4- música Arco Iris e atividade com objetos naturais

A mãe em questão já havia entrado em contato comigo via *WhatsApp* para informar que não iria produzir as tintas, por conta da dificuldade que ela achou nesta atividade, e por conta de eu não ter feito vídeo sobre esta atividade em questão. Falei que ela poderia ficar à vontade já que não quis fazer cobranças por conta do que estamos passando, uma vez que não era viável fazer vídeos por não ter o suporte necessário para isso, como internet boa, um aparelho celular com uma boa memória tudo isso implica no resultado das atividades propostas.

Embora eu tenha feito essa observação sobre a música, que está desatualizada, não cogitei nenhuma atual que falasse sobre o tema, apesar de ter imaginado que música usar no lugar dessa, gosto muito das músicas do grupo Palavra

Cantada, que são músicas que fogem do que as crianças costumam ouvir e que tratam de diversos temas que daria para usar fácil numa aula de qualquer disciplina, como já usei em outro momento de nossas aulas.

A atividade proposta da página seguinte era produzir um quadro com elementos naturais como folhas, flores etc. Nem todos os alunos fizeram esta atividade com folhas e flores, perguntei o porquê e o discurso é que a mãe não ia fazer pois dava muito trabalho. Quanto a isto, neste período como professora das séries iniciais percebi que umas das grandes dificuldades para desenvolver as atividades se dá porque muitas vezes os pais não fazem o trabalho de mediação, ainda mais por ser uma escola particular onde eles acham que tudo deve ser feito na escola já que, eles estão pagando.

E muitas vezes esses mesmos pais, respondem as tarefas dos seus filhos, dessa forma impedindo que estes adquiram suas próprias experiências e vivências que são primordiais neste processo de ensino e aprendizagem. E assim entramos num ciclo vicioso onde os pais respondem muitas vezes a tarefa dos seus filhos e os motivos são inúmeros, por que não deu tempo, a tarefa era muito difícil para ele, trabalham demais ou ainda não iam procurar folhas ou recursos que muitas vezes temos em nosso quintal ou jardim próximo, deixando de ter experiências enriquecedoras tanto na aprendizagem quanto nos laços familiares.

O livro quase sempre traz a opção de se fazer em uma folha de papel e depois colar na página do exercício o que nos faz questionar sobre a produção deste material. Como eles pensam na elaboração deste conteúdo onde a criança precisa produzir em uma folha à parte? Será que é para baratear o material? Pois percebi que o livro não tem um espaço apropriado para que as crianças possam fazer suas produções, estas questões tentaremos abordar ao longo deste trabalho.

Unidade 2 – Pintura de Sopro e pintura de carimbo

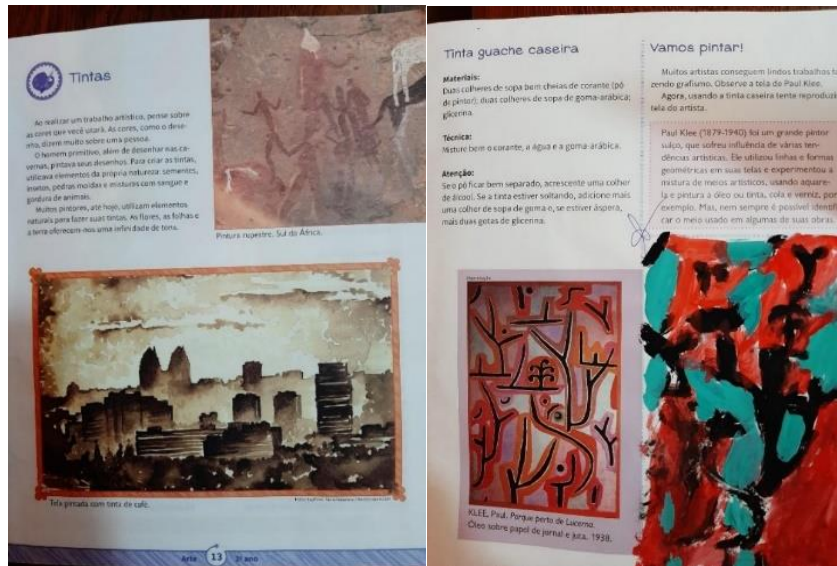


Figura 5 tintas, produção de tinta guache caseira



Figura 6 atividade de pintura de sopro

Nesta unidade continuava a mandar as atividades propostas para que eles fizessem suas produções em suas casas, já que as atividades eram autoexplicativas. Muitos fizeram e, na volta às aulas primeiramente de forma híbrida, vi trabalhos muito criativos. Alguns mandavam suas produções via *WhatsApp*, outros vi quando voltaram para a escola.

A unidade 2, possui três atividades sendo a primeira a pintura de sopro, a segunda atividade também seria para utilizar a mesma técnica de sopro, onde a criança teria que montar uma árvore onde ela já estava com o tronco desenhado no livro, a terceira atividade seria a pintura com carimbos para esta atividade as explicações no livro eram por meio de fotografias explicativas.

As atividades desta unidade foram feitas esporadicamente, pois nesse momento ainda estavam em aulas remotas e tínhamos que conciliar as outras matérias em um curto espaço de tempo. Pois para sistematizar o ensino de uma forma que não ficasse cansativo a escola optou por fazer vídeos gravados e enviados via WhatsApp, assim os pais poderiam acompanhar no momento que eles achassem conveniente.

Unidade 3 – Pinturas com textura diferentes

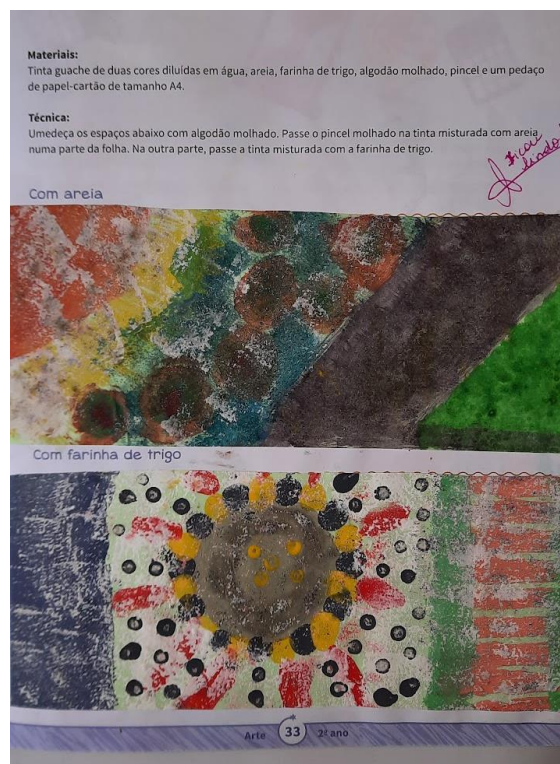


Figura 7 diferentes texturas

Na primeira atividade da Unidade 3, ainda estávamos em aulas remotas e nesta unidade a primeira foto da capa era a imagem da pintura de Monet, *Regata em Argenteuil*, 1874. Neste livro sempre tem uma imagem de alguma pintura no começo de cada Unidade e tento contextualizar com meus alunos para que eles possam de certa forma apreciar algum tipo de arte, e deixo que eles expressem sua opinião sobre

cada imagem. Claro que, isso só podemos fazer quando retornamos primeiro de forma híbrida para a escola.

Com isso retomamos nossas atividades de arte de uma maneira onde poderíamos conversar sobre cada assunto e eu pude ouvir as opiniões de cada um, eles gostam de falar e eu estava com saudades de ouvir as vozes deles. Nas nossas aulas de Arte procurava alternar entre o livro didático e atividades que buscavam trabalhar outras formas de artes visuais, até porque o livro de Arte tinha poucas páginas e se eu fosse trabalhar com ele direto teria acabado na quarentena.

Embora o livro tenha poucos textos contextualizando os assuntos, busquei trabalhar a oralidade com eles trazendo perguntas como: O que eles acham da pintura? Quais motivos levaram aquele artista a pintar aquele quadro? Também tentei mostrar o contexto que aquele artista está inserido, de uma forma que eles possam compreender, pois acredito que as crianças conseguem compreender melhor o assunto quando entendem o contexto da história. Para isso utilizei o celular para tentar passar algum tipo de informação para as crianças, tentando dessa forma fugir de uma aula repetitiva sem novas perspectivas que geralmente somos levados a reproduzir e que, não possui significado para as crianças.

Nem preciso falar que eles amam este momento da aula de Artes, onde percebo que eles aprendem os conteúdos, mas eu preciso complementar o assunto de cada unidade, onde os conteúdos e as atividades são bem poucas, este livro lembra aquelas revistas de passatempos com textos pequenos e atividades bem curtas.

Um outro fator importante para salientar neste texto é o tempo, pois o professor precisa de um tempo maior para efetivar as atividades, pois o que vemos na escola é que como essas atividades de arte são vistas como forma de entretenimento, não dispomos de muito tempo para desenvolver um trabalho que gostaríamos, embora a gestão da escola seja flexível neste ponto, sempre encontramos uma limitação nesse sentido.

Na primeira atividade desta Unidade 4 foi trabalhado pinturas com areia e com farinha de trigo onde as crianças teriam que misturar com as tintas para assim construir novas texturas. As crianças tiveram que fazer novamente em uma folha à parte para colar depois, pois o espaço nesse caso era pequeno

Unidade 4

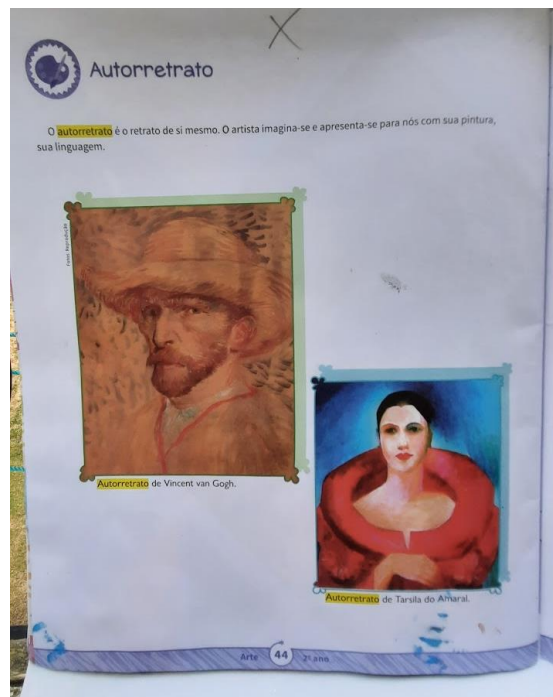


Figura 8 Autorretrato

Nesta unidade como primeira atividade seria o Autorretrato, e nesta página vem trazendo uma frase sobre o tema e três figuras como por exemplo, de Vincent Van Gogh, Tarsila do Amaral e Cândido Portinari e sobre este último artista teve um quadro explicativo sobre a sua importância na arte no Brasil. O texto em si também foi bem curto e no Livro de Artes, exemplar do professor, não veio nenhuma orientação didática para que o professor pudesse acrescentar algo em sua aula sobre o tema.

E a minha estratégia para superar esta ausência de orientação didática observada neste Livro de Artes foi buscar na internet para me orientar melhor sobre os assuntos propostos. Uma das atividades foi fazer um autorretrato, no começo eles perguntaram como que os artistas fizeram para fazer seu próprio autorretrato? A princípio deixei que eles formassem suas próprias conclusões a partir do que eles observaram nas imagens mostradas no livro.

Fizeram então suas produções pedi para que eles a princípio fizessem o retrato do seu amigo, pedi que formassem duplas e assim desenhassem o outro, as crianças acharam fácil desenhar o outro, mas, quando foi para fazer o seu autorretrato acharam um pouco difícil, percebo que quando pedimos para que os alunos façam uma autoanálise e nesse caso façam uma autoprodução eles travam, é sempre difícil

a autoanálise. As atividades de autorretrato exigem uma técnica de usar o espelho para que eles possam fazer esta atividade que não consta no exemplar do professor.

Embora tenha tido uma certa dificuldade, por conta do espelho, eles fizeram e surgiram desenhos interessantes, pois consegui visualizar como eles se veem e como eles veem seus colegas. No exemplar do professor tem a orientação de fazer um autorretrato do colega, porém no livro tem apenas espaço para uma produção. Então estas atividades que não cabem no livro do aluno, como modo de guardar as atividades fiz um varal onde eles mesmo colocam suas produções, e as outras atividades que fazemos de arte.

2.4 Como se deu as aulas remotas, híbridas e presenciais

Iniciamos nosso calendário em 06/02/2020, onde as nossas aulas de arte aconteciam na quinta feira e a princípio, não iniciamos com o livro didático, pois na escola tem a semana de adaptação para que possamos receber os alunos e conhecê-los.

Nosso ano começou normalmente e nem imaginávamos o que estaria por vir, então nosso calendário estava pronto para um ano letivo sem intercorrências, porém o Covid- 19 veio nos dando uma rasteira e no dia 16 de março de 2020 foi decretado o isolamento social e a partir do dia 17 de março não haveria mais aulas nas escolas. Desse momento em diante, muitos ficaram perdidos sem entender o que estava acontecendo pois nunca tínhamos enfrentado tal situação.

A nossa escola parou por um período de quinze dias, depois desse período a nossa gestora marcou uma reunião com o corpo docente para ver como íamos dar segmento ao ano letivo por conta da pandemia. Não tínhamos previsão de retorno para as aulas presenciais, dessa forma foi proposta as vídeos aulas porém, a escola não possui suporte para oferecer treinamento técnico para isso.

Então, a princípio fomos instruídas a fazer grupos via *WhatsApp* com nossas turmas para saber como estavam todos nesse momento. Fomos também instruídas a produzir as vídeo aulas e, como não sabíamos nada de produção de vídeos, as professoras procuraram por conta própria vídeos na plataforma *YouTube* assistir a tutoriais que ensinassem a manusear *apps* de produção e edição de vídeos, e dessa forma começamos a enviar as nossas aulas via *WhatsApp* de forma bem simples

como uma maneira de amenizar a falta da escola e não prejudicar os alunos na aprendizagem.

Embora as vídeos aulas tenham sido, de certa forma, algo para amenizar a falta das aulas presenciais, ainda assim percebemos que não foi o suficiente para sanar todas as dúvidas recorrentes, e as evidentes lacunas deixadas pela falta de compromisso de alguns pais em colaborar com esta nova modalidade de ensino.

E na disciplina de Arte não foi diferente, e tivemos que retomar o ensino praticamente do zero, lembrando as nossas primeiras atividades e como também o que foi visto nas vídeos aulas.

E neste momento de retomada buscamos sanar as dúvidas que surgiram na produção das atividades e os alunos em suas falas destacaram algumas dificuldades para executar algumas atividades do livro, dentre as principais foram a falta de material, pois o material da escola alguma vezes não coincidia com que o livro didático solicitava.

Após resolvermos em comum acordo com os alunos, como se daria as atividades pendentes prosseguimos tentando manter algum resquício de normalidade que pudemos, e demos seguimento as atividades de acordo com o planejamento escolar.

Em nosso retorno se daria o período de provas do 2º bimestre e algumas atividades que a escola programou para aquele ano letivo, e dessa forma tivemos que readaptar o calendário para que pudéssemos desenvolver todas as atividades, mas apesar das tentativas para se cumprir o calendário escolar, não foi possível contemplar tudo que estava previsto.

Na tabela abaixo mostraremos os períodos que ocorreram as aulas:

Calendário do Ano Letivo de 2020

Aulas Presenciais	Início: 6/2/2020	Parou: 17/03/2020
Aulas Remotas	Início: 05/04/2020	Parou: 17/06/2020
Aulas Presenciais	Início: 18/06/2020	Término: 18/12/2020

CAPÍTULO III – Análise do livro didático de Arte

Neste capítulo faremos a análise do livro didático de Arte, considerando o que o livro atende, o que pode ser ampliado e qual o papel do professor nesse processo. Tais análises estão amparadas no referencial teórico discutido no capítulo 1 e nas experiências práticas com o uso do livro, registradas no capítulo 2.

3.1 O que o livro atende

O livro didático de artes que é objeto de nossa pesquisa é da editora Formando Cidadão, que faz parte de uma coleção onde eles são separados por kits, sendo então organizados de kit A, B e C. O nosso em específico faz parte do kit B que acompanha, Arte, inglês, Tabuada e Caligrafia, sua autora se chama Maria Clara Medeiros.

Em sua estrutura o livro do professor possui: orientações didáticas, orientações pedagógicas, textos em caráter de formação. Por sua vez o livro do aluno possui alguns pequenos textos informativos, enunciados das atividades e imagens, o livro possui quatro unidades e em cada uma em média três atividades por unidade.

Nas unidades temos a figura da pintura de algum artista e em seguida um pequeno texto contendo a biografia deste autor, porém o texto é bem sucinto, contendo apenas informações básicas e não são de todos os artistas que possuem algo sobre ele.

O livro em suas atividades propõe algumas técnicas sempre voltadas para as artes visuais demonstrando através de imagens o passo a passo para a elaboração delas. Já no livro do professor traz algumas sugestões de atividades para complementar o exercício do livro do aluno, contudo este material exige que o professor amplie seus conhecimentos que tem sobre o ensino de artes e de que forma irá transmitir este conhecimento.

Valarini (2016 p.86) aponta que [...] “o livro didático pode oferecer sugestões que, complementadas com outras experiências estéticas construídas e adequadas pelo professor, podem ser mais significativas, ampliando as experiências dos alunos” [...].

A ampliação deste conhecimento exige uma dedicação a mais do professor, o que no nosso caso não vemos como algo ruim, porém nos preocupamos com outros

professores que fazem uso apenas desse material como sua única forma de ensino. E que não tem disponibilidade de tempo para se dedicar a essa atividade.

Dessa forma surgiu nosso interesse nesta pesquisa partindo de nossas observações no que se refere a organização, estrutura e o fato dele não estar de acordo com as novas normas da BNCC, pelo menos o exemplar que possuímos, o que estranhamos, pois os das outras disciplinas seguem estas normas e este exemplar não, observamos também a falta de outros segmentos da disciplina de artes como música, teatro e dança, o que se torna contraditório no que se refere a BNCC:

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (p.193)

Dessa maneira achamos pertinente esta análise para fazermos uma profunda reflexão no material que usaremos em todo o ano letivo e como fazer esta mediação com os alunos, verificando se o material é suficiente para o ensino e aprendizagem ou se precisaremos buscar em outras fontes complementos para que o aluno possa alcançar as experiências necessárias.

Observamos que o livro do aluno possui a folha da apresentação da unidade com uma figura de pintura, podendo conter ou não na página seguinte uma pequena biografia do artista da página anterior, seguindo da atividade, não observamos no meio de um e outro uma contextualização que fizesse o aluno entender o porquê de tudo aquilo.

Sobre isto queremos destacar nossa preocupação quanto ao professor não ter estrutura no que se refere a apoio pedagógico para encaminhar este momento além da formação do professor ser importante para que ele possa compreender a relevância do ensino de artes nas escolas. A BNCC (2017) deixa bem claro a sua posição quando cita que espera superar a fragmentação das políticas educacionais, e para isso enfatiza a formação dos professores e a disponibilização de materiais para os professores aperfeiçoarem os processos de ensino e aprendizagem.

Mas sabemos da fragilidade do ensino de modo geral e como o ensino de artes é visto tanto nas escolas públicas quanto privada, sobre isso Duarte destaca:

[...] as aulas de artes serviam mesmo para divertir aliviar a tensão por todos aqueles outros professores sisudos e suas exigências intermináveis [...] jamais aquelas aulas poderiam ter cumprido outra finalidade, jamais poderiam fazer de nós um “doutor” mais eficiente. (2005, p.8)

Ensinar Artes é uma tarefa bem complexa e como o livro didático é aqui no Brasil um dos principais instrumentos na escola, daí a sua importância e o seu papel para educar muitas crianças que só tem ele para a sua formação, por isso devemos voltar nosso olhar para o objeto de ensino que temos em nossas mãos.

Constatamos que, o livro também possui poucas atividades em cada unidade tendo o total de 47 páginas no exemplar do aluno, deixando pouco espaço para que as crianças possam fazer sua produção principalmente quando se trata de atividades de pintura com tinta guache, o livro também sugere que o aluno faça uso de uma folha à parte para produzir atividade que precise trabalhar diferentes texturas.

O que deixa as crianças pouco à vontade para produzir suas atividades pois o espaço é pequeno ou a atividade precisa ser feita em outra folha por conta de espaço e para não sujar o livro.

Outro ponto que salientamos é quanto ao preço do material apresentado que custa em média R\$ 350,00 reais toda a coleção, o que influencia no produto. Costa, Freitag e Mota (1987) naquela época já faziam referência a essa questão de custo e benefício do livro quanto citam sobre o barateamento do livro e a produção de material inferior, o que fica muito aquém das necessidades dos nossos estudantes.

Embora o material apresente algumas limitações que acreditamos interferirem de modo negativo no ensino e aprendizagem do aluno, ainda assim podemos ver possibilidades se o professor e a escola estiverem dispostos a completar algumas lacunas que o material apresenta. Conforme Valarini:

Evidencia-se, pois, a importância de o professor participar de vivências, encontros e discussões em arte; de frequentar exposições, ter comprometimento com publicações específicas, e estar em contato permanente com sua própria poética pessoal. Essas são atitudes que qualificam o professor, dando-lhe base futura para a atuação. (2016, p.23)

Claro que esta ação não cabe somente ao professor mais de todo o corpo docente na busca por incentivar uma educação completa e continuada fazendo uso do ensino de Artes, como Valarini (2016) salienta que é fundamental que se lancem novos projetos, ideias para ampliar o repertório e ofertar novas vivências aos alunos.

3.2 O que ainda precisa ampliar

O ponto de partida para a nossa análise foi verificarmos que o livro didático de Artes não está adequando as normas da BNCC como também aos critérios estabelecidos pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), quase toda coleção está de acordo menos as disciplinas de Artes, Ética e Cidadania e inglês, porém iremos nos limitar apenas na disciplina de Arte.

Não sabemos se isso ocorre apenas com o exemplar que possuímos, procuramos a direção da escola para informar e perguntar se sabiam de algo, ficamos de verificar mais até ao momento da produção deste trabalho não obtivemos respostas se teriam uma nova edição, ou se este problema só era apenas com as disciplinas citadas.

Creemos que essa questão seria um ponto relevante da nossa pesquisa uma vez que, sabemos das questões históricas de termos acesso à educação e ao livro didático e sabermos a importância de se olhar criticamente os materiais pedagógicos que passam pela mão dos educadores.

Uma vez que a própria BNCC afirma sua relevância, destacando a sua importância para os currículos influenciando a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base. (Brasil, p.5)

Sendo assim uma base para toda as práticas educacionais que visam o melhor desenvolvimento das escolas, professores e alunos, e isso inclui a disciplina de Arte que apesar da sua obrigatoriedade estabelecida pela Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº4024/61, nº 5692/71 e nº 9394/96). Vemos que a disciplina tem muito a contribuir, mas percebemos a dificuldade de se colocar em prática o que já está estabelecido nos documentos norteadores. Sobre estas contribuições a BNCC destaca:

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (Brasil,2016, p.193)

Mas apesar do documento destacado acima citar a relevância das linguagens de Arte, o livro didático que analisamos só faz uso das Artes Visuais, apresentando algumas técnicas de pintura, trazendo em sua página inicial uma lista de materiais que será necessário para produzir os exercícios.



Figura 9 página inicial mostrando os materiais necessários para usar o livro

Alguns materiais a escola não oferece, pois não faz parte da lista de materiais escolar, deixando a cargo do professor providenciar os itens que faltam, pois os pais exigem que todos os livros estejam devidamente respondidos, por ser uma escola particular e terem comprado o material didático.

Alguns pais não colocaram obstáculos para realização das atividades, em contrapartida outros não querem fazer pelas dificuldades de encontrar alguns destes materiais, o que deixa o professor incumbido de providenciar estes materiais ou dizer aos pais que eles podem estar substituindo o material por outro para facilitar.

Estas situações foram bem aparentes na época das aulas remotas e híbridas, daí percebemos a falta de uma articulação entre escola, livro didático e professor. Não havendo um momento para discussão e escolha do livro didático, pois ele foi escolhido pela questão de custo, pensando no público que a escola atende.

O livro didático possui quatro unidades distribuídas em 47 páginas, sendo apresentadas figuras de pinturas de artistas que são conhecidos como Cândido Portinari, Vincent Van Gogh, Claude Monet, entre outros, apresentam textos que não estão organizados de forma coesa, pois em nossa observação parecem mais como textos soltos, precisando do professor para fazer essa conexão, o que mais uma vez

chamamos a atenção, e se o professor não dispor de tempo para fazer essa contextualização, ou não querer?

Na unidade 1 temos a figura da pintura de Cândido Portinari, *Os retirantes* de 1944, logo na página seguinte temos as cores quentes e frias se o intuito da autor era trabalhar essas cores, poderia ter usado outra obra do artista que tem muitas pinturas voltadas para a época da sua infância, como Futebol (1935), Menino no Balanço (1960), etc.

O livro traz ainda diversas formas de pintura como: pintura com tinta caseira, pinturas usando elementos naturais, pintura de sopro, todas as atividades vêm pré-estabelecidas não deixando espaço para que o aluno tenha novas experiências. Sobre isto a BNCC (Brasil, p.193) destaca:

[...] tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência, artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.

Outro ponto que gostaríamos de destacar é quanto às informações da ficha técnica da autora que neste caso todos os volumes foram assinados pela mesma, exceto inglês, procuramos na internet algo sobre a autora, não encontramos informações que associam a mesma ao projeto.

Abaixo iremos apresentar uma tabela com base nos critérios estabelecidos pelo PNL D (Brasil, 2016) que define os principais critérios para o livro da disciplina de Arte, informaremos o que o livro que possuímos atende.

Aspectos classificados em B (Bom): R (regular): I (insatisfatório)	
promove a aprendizagem da Arte em seus vários campos artísticos de forma equilibrada;	I
promove o respeito à diversidade cultural dos(as) alunos(as);	I
propõe diversidade de atividades que contemplam as várias modalidades artísticas: Artes Audiovisuais e Visuais, Dança, Música e Teatro;	I
resgata a produção artístico-cultural de épocas passadas;	R
contextualiza histórico-socialmente as diferentes manifestações de Arte, entendidas como manifestações culturais de caráter antropológico;	I

utiliza vocabulário técnico na descrição dos elementos integrantes dos diversos campos de expressão e de manifestações artísticas;	B
proporciona a construção de conceitos específicos dos diferentes campos de expressão;	I
estimula a produção de material cênico, audiovisual, visual e musical para o conhecimento na área de Arte;	R
inclui propostas de atividades integradas específicas, que articulam as diferentes modalidades artísticas e outros campos de áreas afins;	I
abrange a diversidade de manifestações culturais e seus registros;	I
oferece referências para o ensino/aprendizagem da Arte, especialmente em suas expressões e manifestações regionais, de forma diversificada;	I
promove abordagens interdisciplinares dos conteúdos e habilidades desenvolvidos pela prática artística, em suas diferentes formas.	I
desenvolve o pensamento artístico, ao relacionar o fazer, o fruir e o contextualizar produções artísticas;	R
incentiva a busca e a integração de informações em diversidade de fontes idôneas;	I
proporciona experiências produtivas de aprendizagem da Arte;	R
contempla, de forma articulada, os conteúdos pertinentes às diferentes manifestações artísticas, com ênfase para as artes audiovisuais e visuais, a dança, a música e o teatro;	I
promove a aprendizagem da percepção musical, envolvendo os parâmetros dos sons: altura, duração, intensidade e timbre, em exercícios que permitem ao estudante a identificação de elementos que a instiguem e a instrumentalizem à composição; contribui para o desenvolvimento da autonomia de pensamento, o raciocínio crítico e a capacidade de argumentar do(a) aluno(a).	I

De acordo com estes critérios o livro em destaque precisa muito de uns ajustes para melhorar seu desempenho. Nos mostrando assim que, o livro didático numa forma geral não será suficiente dentro de uma sala de aula, se fazendo necessário que o professor busque se aprimorar, sabemos, no entanto, que isso não é tarefa fácil, principalmente se a escola não cumprir o seu papel de incentivar e formar seus professores.

Dessa forma, aqui destacamos Paulo Freire (1996) e concordamos com ele quando diz que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. E a escola como

um espaço formador precisa proporcionar estes momentos em que o docente possa perceber e ter consciência do papel de cada disciplina na formação do aluno.

3.3 O papel do professor

Nossa análise foi baseada em documentos norteadores como PNLD e a BNCC que estabelecem critérios quanto ao que se refere ao ensino de arte e o que deveria constar no livro didático desta disciplina. Mas porque seria relevante este material estar de acordo com os documentos oficiais?

Além desses documentos serem oficiais eles são base para toda a construção da educação hoje, partindo deste ponto de vista político entendemos que o livro precisa atender ao que a base educacional do Brasil destaca como importante para se ter um ensino de qualidade.

Como ficou claro na tabela acima, o livro em questão ficou pendente em vários aspectos, deixando uma lacuna entre uma atividade e outra. E aqui refletimos quanto ao custo do livro, a escola que adotou este material pelo custo precisará pensar em outras estratégias para compensar esta falta que ele apresenta.

Dessa forma o papel do professor é fundamental para garantir um bom ensino, se o livro não contempla o que rege os documentos norteadores, o que fazer? Que estratégias metodológicas abordar?

Em nossa experiência com este livro, utilizamos a abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa para direcionar o uso deste material em sala de aula.

Dentro da perspectiva da sua proposta triangular que é Fazer Artístico, Apreciação e Contextualização, iniciamos com a contextualização para que dessa forma as crianças pudessem saber em que contexto histórico os artistas desenvolveram suas pinturas.

Deixando espaço para as crianças exporem suas opiniões e fazerem perguntas sobre as suas percepções diante daquela figura? Para que assim elas formulem suas próprias ideias a partir das suas observações, e dessa forma elas pudessem se envolver e entender sobre aquele momento histórico, e nesse processo de envolvimento elas pudessem desenvolver a apreciação, o senso crítico, se identificando como sujeitos nesse processo.

Ao desenvolvermos esta atividade nos fazia requerer o uso da paciência, pois eles não estavam acostumados a tais experiências. Na sequência vinha o Fazer

Artístico que ficou bem mais fácil, pois as crianças começaram a entender o porquê daquelas produções e daqueles momentos que passaram a ser tão prazerosos, pois surgiam questionamentos e problematizações que era oportunidade para uma próxima discussão em outra aula.

Duarte (2005) sobre este processo de aprendizagem faz três questionamentos que achamos ser fundamentais para desenvolvermos esta e outras disciplinas; Como aprendemos? O que aprendemos? Para quem aprendemos?

Creemos que para desenvolver estas ações dentro de sala de aula se faz necessário o envolvimento e um planejamento pedagógico, não esquecendo aqui de salientar que a escola como um todo precisa entender a importância desta disciplina na formação dos alunos.

Ferraz e Fusari (1993, p.100) acreditam que a contribuição escolar na formação de estudantes em arte resulta de processos pedagógicos que consigam reunir junto aos educandos tanto às elaborações artísticas e estéticas pessoais como as interferências educativas necessárias ao andamento dessa aprendizagem.

Outro fator que queremos abordar para este momento seria a importância do planejamento das aulas, o professor que pesquisa para desenvolver uma aula de qualidade é de suma importância para que ensino e aprendizagem sejam de fato efetivos. Ferraz e Fusari (1993, p.104) associam que o domínio do planejamento e articulação dos componentes curriculares depende então de uma continuada formação prática e teórica dos profissionais da educação em arte.

Apesar de todos esses aspectos que aqui apresentamos, gostaríamos de demonstrar a nossa satisfação para com a escola que faz uso deste material, pois apesar deste ser imperfeito, vemos que ele pode ser um meio para um fim, percebemos a preocupação da escola em levar este ensino, e que se pense em um material didático para desenvolver algo.

Para Mosé (2013) para articular suas ações a escola deve, antes de tudo, ter um projeto político-pedagógico consistente, tendo como objetivo deste projeto fazer com que a escola tenha sentido para todos aqueles que se relacionam. E a partir desses projetos desenvolver práticas estruturadas onde todas as relações apesar de diferentes possam estabelecer conexões onde os alunos se beneficiem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de análise crítica onde o objeto investigado foi o livro didático de Arte que faz parte de uma coleção da editora Formando Cidadão, onde a princípio verificamos a sua discordância com a BNCC, ponto chave para o interesse desta pesquisa, mas não o único tema que observamos.

Neste trabalho salientamos a escolha do livro por questões de custo, pois apesar do material não apresentar critérios significativos para o melhor desenvolvimento dos alunos dentro de sala de aula, ele ainda seria a escolha certa! E nos questionamos qual o papel do professor? Que critérios ele aponta como relevantes na escolha do livro didático? Ele faz parte do processo de escolha do material didático?

Valarini (2016) pontua que como professores, mostra-se necessário avaliarmos de forma autônoma caminhos que farão sentido para despertar a sensibilidade, a curiosidade e o aprendizado [...], dessa forma compreendemos que o livro didático faz parte desse processo.

O livro que avaliamos para nós, precisa ser melhorado, baseado nos critérios que o PNLD estabelece, dentre um dos pontos que salientamos é que ele trata apenas das artes visuais em toda a sua coleção, deixando de atender as outras linguagens da Arte como dança, teatro etc.

A BNCC (2017) aponta que, no Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro.

Evidenciamos a importância do livro didático para os estudantes e o papel do professor e da escola, desde a escolha do livro didático até a forma de uso dentro de sala de aula, pois sabemos que estes materiais precisam coincidir no que diz respeito a regionalidade como consta no PNLD (2016) no que diz respeito a critérios sobre componentes curricular que estabelece, precisam oferecer referências para o ensino/aprendizagem da Arte, especialmente em suas expressões e manifestações regionais, de forma diversificada.

O livro apresenta textos simples, curtos e deslocados, precisando que o professor estabeleça uma conexão entre um assunto e outro pois ele por si só, não é capaz de sanar as dúvidas recorrentes durante a leitura. Acreditamos que ele seria

um começo para o professor buscar desenvolver suas práticas pedagógicas e traçar seus objetivos dentro de sala de aula.

Destacamos a importância do professor pesquisador que deverá buscar caminhos para aliar a sua teoria à prática de ensino, uma vez que essas precisam andar em consonância já que não existe uma sem a outra, de maneira que promova o ensino efetivo e de qualidade.

Valarini (2016) aponta que cabe ao professor fazer mediações necessárias entre o livro didático e o aluno, mas questiono do quanto este professor está disposto a promover essas interações?

Concordamos ainda com esta autora quando ela destaca qual o melhor livro didático “considero que o livro didático que melhor atende às necessidades do professor de Arte é aquele que traz uma organização coesa por projeto, sem fragmentação na sua cronologia e atividades desconexas”. (Valarini, 2016, p,87)

Destacamos também a importância da disciplina de Arte que é vista como passatempo um tempo de diversão, Duarte (2005) menciona que os recreios e as aulas de arte são os únicos momentos em que a estrutura escolar permite alguma fluência de nossos sentimentos e emoções ele questiona se poderia ser diferente?

Acreditamos que pode ser sim diferente, que a disciplina de Arte precisa ser vista como tal e pode oferecer recursos na formação de nossos alunos para que eles possam em sua formação se tornarem mais críticos, criativos e autônomos em suas construções e em suas subjetividades.

Ao longo desta pesquisa poderíamos elencar mais outras problematizações que achamos pertinentes e que foram surgindo ao longo desta e destacamos, a questão da regionalidade, se os livros didáticos atentem? O papel da escola na formação do professor. Se o ensino de arte na escola é efetivo na formação dos alunos? Se os documentos norteadores da educação apenas propõem o que os educadores deveriam fazer ou oferecem estratégias para alcançar tais objetivos?

Embora estas outras questões que foram surgindo tenham relevância, preferimos focar no que já estava proposto para esta pesquisa, deixando então estas outras questões para um outro momento oportuno.

Como professora ao pensar sobre o livro didático e suas contribuições para o ensino penso que, este é um auxílio e até mesmo um norte para as práticas docentes, no entanto, este não deve ser o único material didático e que ele não está livre de ser contestado, muito pelo contrário se faz necessário uma abordagem crítica que envolve

o nosso papel enquanto educador e isso inclui as estratégias em sala de aula, os materiais didáticos utilizados e nossas práticas docentes.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense: Ensino Fundamental Anos Iniciais**. Manaus: MEC/CONSED/UNDIME, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação. **Guia dos livros didáticos: PNLD, 2016; Arte; ensino fundamental aos iniciais**. Brasília: Básica, 2015.

BRASIL. **Ministério da educação. Base Comum Curricular- Educação é a base**. Brasília.2017.

BRISOLLA, Livia. COSTA, Gisele. **O livro didático não morreu. Estará agonizado? Aproximações teóricas sobre um objeto de estudo**. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais – 24 a 28 de setembro de 2007 – Florianópolis.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas sobre o estado da Arte. Educação e pesquisa**, São Paulo nº3, p. 549-566, set/dez/2004.

FERRAZ, Maria Heloisa Correia Toledo. FERRARI, Maria F. de Resende. **Metodologia do Ensino e Arte: Cortez; 1993 (coleção Magistério 2º grau. Formação do professor)**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática Educativa**.23ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAG, Barbara. MOTTA, Valeria Rodrigues. COSTA, Wanderley Ferreira. **O estado da Arte do livro didático no Brasil**. Brasília, INEP.1987.

GARCIA, Nelson Jahr (Org). VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo,2002.

MACHADO, Nilson José. **Sobre livros didáticos- quatro pontos**. Brasília.1996.

MELLO, Cilene Leite. **Abordagem Triangular no Ensino de Artes Visuais**.

MOSÉ, Viviane (Org). **A escola e os desafios contemporâneos**.4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

NASCIMENTO, Maria Evany do; OLIVEIRA, Valdemir. **Metodologia do estudo e do trabalho. Manaus: UEA, edições, 2016**.

OLIVEIRA, João Paulo Teixeira. **A eficiência e/ou ineficiência do livro didático no processo de ensino-aprendizagem**. PUC-Rio Brasil.

PRINTES, Souza Jocicleia. **A linguagem oral e escrita na pré-escola: contribuições das narrativas com lendas Amazônicas**. Manaus.2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, Am, 2010.

SILVA, Tharciana Goulart da; LAMPERT, Jocielle. **Reflexões sobre a abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes no contexto brasileiro.**2016. Universidade de Santa Catarina; Florianópolis.

SOUSA, Jociélia Francisca de; DIAS, Erika Carla de Sousa; SOUSA, Ivan Bezerra de; OLIVEIRA, Kaiza Maria Alencar de. **Piaget e Vygotsky e suas contribuições na psicologia da aprendizagem.** Congresso Nacional de educação, de 14 a 17 de outubro de 2015.

TAGLIANI, Dulce Cassol. **O livro didático como instrumento mediador no processo de ensino aprendizagem de língua portuguesa: a produção de textos.** RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 135-148, 2011.

TEIXEIRA, Rosane de Fátima Batista. **Significados do livro didático na cultura escolar.**2011. X Congresso de Educação-Educere. Curitiba-Paraná.

VALARINI, Denise. **Livros didáticos de ensino de Arte: avaliação e análise crítica.** Campinas.2016. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) -Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016.